

P Q

9261

M2C6



Class PQ9261

Book M2C6



1/2 A

CLOTILDE,

OU

O TRIUNFO DO AMOR MATERNO.

1562
3914

DRAMA HEROICO EM TRES ACTOS.

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.



LISBOA : 1841.

Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

Rua Nova do Carmo , N.º 39 — D.

CLOTTED

00

O TITULO DO AMOR MISTICO

LIBRARY DEPOSITED FOR THE YEAR

1901

JOSE AGOSTINHO DE SAO PAULO

037270

29



21

LIBRARY

IT IS THE PROPERTY OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE JOHN H. COOPER, 1891-1901

PQ9261
.M2C6

PERSONAGENS.

Clotilde . . Rainha de Aragão.

Sancho . . Rei de Aragão.

Anagilda . Princeza de Castella.

Garcia . . Primogenito de Clotilde, e Sancho.

Fernando . Infante, e filho segundo.

Ramiro . Filho Natural de Sancho.

Gonçalo . Privado, e Conselheiro de Clotilde.

A Scena é no Palacio de Saragoça.

O assumpto é tirado dos Annaes de Aragão por Zurita , e por seu continuador Argensola.

Macedo.

O presente Drama foi representado por muitas vezes nos Theatros Portuguezes de Lisboa.

A Tragedia Branca de Rossi, os Dramas D. Luiz d'Ataide, Impostura Castigada, e Sebastianistas, que tambem se representaram nos mesmos Theatros, foram por nós impressas em 1822 etc. , com privativa faculdade de seu Author, que igualmente nos concedeo o mesmo favor respectivamente a outras mais que tinha composto, das quaes a presente é uma, que offerecemos ao Público illustrado, e amante daquelle Sabio incomparavel. Se esta merecer o acolhimento que desejamos, continuaremos na impressão de outras que ainda possuímos, bem como de mais Obras inedictas, do mesmo Author, e até de algumas que já são rarissimas, tanto em verso como em prosa.

ACTO I.

Figure-se huma Salla Regia , apparatusa ,
e brilhante.

SCENA I.

Garcia , e Fernando.

Garc. **N**ão , Fernando ; hum simples conselho não deve ter podêr nem efficacia para dissipar , e destruir em meu peito a alta , e inevitavel razão do sangue . . . eu tremo a dizer-lo ; eu tremo , mas é preciso romper a nuvem que me abafa o coração. Não é , não he innocente huma amisade que extingue no coração materno o amor de hum filho.

Fern. O primeiro effeito de huma paixão violenta é cegar o entendimento ; são pouco penetrantes as vistas de hum coração dominado pelo ódio ; julga os affectos alheios pelos seus , e sempre os julga como elle os imagina. Se os talentos politicos de Gonçalo , se a sua experiencia na administração dos negocios publicos , tem alguma ascendencia no leal coração de Clotilde nossa mãe , não imagines que seja outra cousa mais que huma recompensa , um galardão daquelle sangue que este illustre Vassallo tem derramado nos Campos de Belona , e cujas preciosas gotas

tem rociado as gloriosas palmas que pesam na dextra de nosso Magnanimo Progenitor, e Monarca; he hum Guerreiro, e he hum Politico, e Sancho em quanto vai na Sicilia esmagar o altivo pescoço Musulmano, quiz depositar nas mãos deste Vassallo os Fados de Aragão, e com seus profundos, e pródidos conselhos, elle mantem a gloria da Monarquia, e dirige as fluctuantes idéas do fragil séxo, porque nossa Mãi he a Rainha, mas he mulher.

Garc. E por ventura pende o Fado de Aragão de hum bruto ginete que eu desejei possuir, e a que nosso Rei chama privativamente seu? Este desejo innocente de hum Principe herdeiro rompe acaso os sagrados direitos do Throno, ou mancha por ventura a excelsa honra de hum Diadema?

Fern. E' verdade; mas Sancho antes que partisse para a gloriosa expedição de Napoles assim o determinou a Clotilde. . . . Garcia, Garcia, tu deves ser Soberano, e a vontade dos Reis ainda sobre minimos objectos sempre he huma Lei, e não seriam Reis se assim não foram.

Garc. Sim, era huma Lei, porém Lei desobedecida por hum filho, e com o consentimento materno; mas no coração de minha Mãi outra lei se oppunha a este meu innocente praser, outra lei mais forte escrita no coração de Clotilde pelas mãos invenciveis de hum amor profano.

Fern. Esse negro, esse abominavel delicto não tem logar n'um coração coroadado.

Garc. Mas que quer de Clotilde este importuno Ministro, sempre assiduo a seu lado, sempre inseparavel?

Fern. O dever de Vassallo, e o character do emprego.

Garc. E até no mais profundo silencio da noite, e junto ao Real Thálamo?

Fern. Quem sustenta as rédeas do Governo não tem dia, nem tem noite, todo o tempo é vigilia, e a razão do Estado suspende até a mesma razão da natureza. Os Reis vivem para a Patria, os Vassallos para os Reis, e os Ministros nem para si vivem; e que outras horas são mais proprias do Conselho que as do silencio, e das sombras?

Garc. Fernando, quando hum delicto offende o Regio sangue que nos circula nas veias, basta huma suspeita para termos hum testemunho, e em huma Soberana qualquer accção que derrame huma ligeira sombra de ciume é sempre huma culpa. . . .

Fern. Eu não sei louvar, nem sei condemnar o teu zelo; seja assizado, seja indiscreto, só sei dizer-te que das accções dos Reis é só Juiz o Ceo. Os Soberanos envolvem-se em huma sombra angusta, são sacrilegos os olhos mortaes que intentam rompe-la, e só o Eterno que lhes dá o poder rasga este véo.

... e a sua vida é uma sombra...

SCENA II.

Os mesmos, Clotilde, e Gonçalo que lhe dá o braço.

Garc. [Eis a infiel... He Mãi, he Rainha, mas he culpada... Eis o indigno Privado!...] [*A' parte.*]

Clot. Aragonezes, ha já dois annos que o meu Esposo e vosso Monarca foi colher novos louros com que adorne a fronte, e dilatar os confins do Imperio Aragonéz com as conquistas gloriosas que tem feito; parece que a victoria vai como ligada ao seu carro, já não apparecem inimigos que lhe resistam; os ferozes Muulmanos cedem por toda a parte ao Vencedor, e elle torna com seu triunfante Exercito a suspender seus votos, e seus trofeos no Templo do Deus das Victorias: eu tenho sustentado as rédeas do Imperio, e vós sois objectos, e testemunhas da prosperidade pública: Eu o devo ao Ceo, elle inspira Gonçalo para me dirigir, muito lhe devo; elle fez gravar no meu coração as maximas sublimes do meu Esposo, ellas vos conservarão a paz, ellas mantiverão a grandeza, e o pezo do meu Throno. He feliz aquelle Reino onde as Leis reinão; e onde a Lei tem a Soberania; o mesmo Monarca quer que seus Vassallos sejam os Juizes das suas acções, e da sua conducta.

Gonç. Excelsa Clotilde, he hum raio da eterna Sapiencia quem se derrama no coração dos Monarcas para dirigir seu Conselhos; estes são hum dom immediato dos Ceos, e os Ministros não são mais que instrumentos que a Providencia escolhe. He sobre vós que Aragão fixou atonitas vistas quando observou como transplantado em vosso genio o grande genio de Sancho, e não descobrindo mais que a differença do Séxo, vio a mesma similhança de Governo.

Garc. [Sinto inflammar-se-me o coração de indignação, e de raiva.] [*A' parte.*]

Clot. Meu filho, é possivel, que em o jubilo commum de todo o Reino, vós só com tão expressos signaes de tristeza espereis vosso Pai? Que importunos pensamentos são esses que assim transfiguram vosso semblante?

Garc. [E' preciso lançar hum espesso véo de dissimulação sobre os meus intentos.] [*A' parte.*] . . . Mãi, e Senhora, como póde assomar a alegria em meu rosto se o meu coração está sepultado em hum abysmo de pesares? Póde ter contentamento quem he victima do mais infeliz amor? Esta desgraça oppõe huma barreira insuperavel ao prazer: sei que vai romper hum dia de alegria universal a todo o Imperio; mas para mim não ha hum raio de luz que rasgue as sombras da minha tristeza. . . . Ah! não me resta já a-
quelle mesmo bem que costuma fugir ultimo do coração dos miseraveis. . . .

Clot. Qual? . . .

Garc. A esperança. Vós sabeis, Senhora, que apenas Anagilda entrou os porticos deste Palacio, abriram seus olhos em meu coração huma profunda chaga. Eu tentei cicatrizalla, e o primeiro remedio que lhe oppuz foi a idéa da minha mesma grandeza; mas quando huma paixão he violenta a mesma magestade se enerva, e céde; o amor não reconhece obstaculos, e similhante ao raio, quanto maior é a resistencia que encontra, maiores, e mais funestos são os estragos que produz. Gemo captivo, meu máo grado, adoro, beijo a mesma cadêa que me avilta, e que me prende; offereci o meu coração a Anagilda, e em hum Soberano lhe offereci hum Escravo; tudo regeitou a cruel; nada pôde igualar seu orgulho senão a dureza do seu coração. Acceita em paz as homenagens de Ramiro; de Ramiro em cujas veias ainda que circule o sangue Real de meu Pai, também circula hum sangue plebêo; e eis-aqui o Principe Real de Aragão rival de hum seu mesmo Vassallo, e o que mais fere o meu amor, o que mais scandaliza a minha grandeza hum rival amado de Anagilda! Vós, Senhora, vós só podeis restituir a paz ao meu coração; a minha sorte está em vossas mãos; de hum só aceno vosso pende o meu fado. Empregai, Senhora, empregai a authoridade da Coroa em subjugar-me o coração da Princeza, e quando o não poderdes executar

com hum conselho de Mãi, empregai a authoridade da Coroa. . . .

Gong. [*Interrompendo-o.*] Os Decretos dos Reis, Clotilde, não chegam ao coração. As Leis nos obrigam ás acções externas, assim he; mas no sacrário do coração sempre ficão livres os affectos. Mas ainda quando podessem dominar em corações vulgares, lembrai-vos que Anagilda nasceo em hum berço cujos balaustres eram Sceptros. Castella tem depositada nesta Princeza a esperança dos seus Soberanos, e o Grande Affonso seu Pai antes de dobrar o pescoço ao golpe da morte a confiou menina aos cuidados de Sancho, e ao vosso zelo, e não vos encarregou de lhe fabricardes hum jugo ingrato, e repugnante ao seu Real coração. O affecto de Garcia he legitimo, e he real, eu não o nego, e peleja armado com as vantagens do sangue; mereção o coração de Anagilda feitos dignos do coração de Anagilda: eu fico que ella não regeite os sacrificios de hum amor coroado, mas guardai-vos de expugnar seu coração com o duro ultrage de hum absoluto Decreto.

Garc. [*Traidor! até me disputa hum Diamã!*] [*A' parte.*]

Clot. Garcia, meu filho; as conquistas que devem ser mais agradaveis ao vosso coração, são aquellas que nós devemos á nossa propria virtude sem o soccorro de hum força estranha, e externa. Basta o teu merecimento para conseguires a ardua empreza que ten-

tas. Busca, meu filho, que esta gloria seja só tua, e lembra-te que a minha authoridade não estende o poder das suas Leis até ao Throno de Castella; e isso mesmo que tu imaginas huma homenagem feita a Anagilda seria para ella hum manifesto ultrage. Com tudo se tu pedes hum conselho ao meu maternal amor, resiste com todo o coração aos lisongeiros attractivos da formosura; que debaixo de huma luminosa, e agradavel apparencia encobrem um abysmo de dissabores. Se o teu coração he sensivel, seja sensivel ao amor da gloria, tenha esta gloria o poder de avassallar o teu real espirito, e vê que he incompativel a dignidade de Soberano a que és destinado com a vil condição de Escravo, e de Escravo voluntario. No coração de hum Rei he muito vil o nome de amante, e o mais glorioso dominio de hum Rei, he o imperio sobre as proprias paixões. [*Sahem.*]

SCENA III.

Garcia só.

Garc. Ceos! Não sei se he a razão, se he o furor quem desordena, e perturba meus crueis pensamentos; eu mal resisto á agitação que me transporta! O que Garcia deseja sempre desagrada ao Valido, e he tanto o poder que tem no coração de Clotilde, que esquecendo-se que he Mãe sempre contradiz a minha

vontade. Mas que não póde no peito de huma mulher uma paixão cega, e desordenada! Mas que não póde tambem no coração de hum Principe ultrajado o vivissimo desejo de huma horriavel vingança? O meu amor, a minha honra o pedem, e estas mesmas chamas são ateadas pelas mãos do ciume. Clotilde pisa as leis do sangue; e Garcia deve respeitá-las? ... Eu vou desfechar hum raio, que senão abrasar ao menos assusta com o estampido o Reino de Aragão. Eu sigo os conselhos do odio, e escuto a voz da vingança para punir huma mulher. Sim, apraz-me o nome de filho para fazer mais sensivel a a minha crueldade. ... [*Sahe.*]

SCENA IV.

Figure-se hum Jardim.

Anagilda só.

Anag. Infeliz Princeza! A tua condição é o teu tormento! Não era mais combatido dos oppostos ventos o miseravel baixel no meio dos mares do que o meu coração fluctuando entre tão diversos, e violentos affectos! Eu não sei que estrada devo pisar. Hum pensamento de grandeza que é o iman poderoso das almas excelsas me obriga a não regeitar o amor de Garcia; este amor é coroado com o Diadema de hum grande Reino. Eis-aqui o

que eu devo querer como Princeza. Mas a lisongeira beleza, o esforço, a magnanimidade do Principe Ramiro, tão doce atractivo para o coração de huma mulher, se oppõe ao meu primeiro dever. A lembrança de que huma parte de seu sangue he sangue plebêo, de alguma maneira abafa a activa chamma do fogo que me abrasa o peito. Se eu me considero mulher amo-o, se eu me considero Herdeira de hum Reino não o devo amar. Mas porque uão ha de ceder no meu coração o sentimento da Soberania ao sentimento da ternura? Mas eis Ramiro. Ceos! Sustentai-me!

SCENA V.

Ramiro, e Anagilda.

Anag. Ramiro!

Ram. [*A' parte.*] [*Eis a Princeza! Ah! Se ella soubera a penetrante seta que me vára o coração! Chamaria innocencia áquillo mesmo a que o seu Real coração deve chamar hum delicto. . . .*]

Anag. [*A' parte.*] [*Eu vou conhecer se elle he sensivel ao meu estranho transporte. .*]
Ramiro, eu descubro em ti hum entendimento que iguala em penetração o valor de teu braço; desejo ouvir de tua boca hum parecer sobre o objecto mais grave que deve occupar o coração de huma Princeza, e em que só tem parte o coração.

Ram. Senhora, se eu vos não der hum con-

selho sabio, ao menos dar-vos-hei hum conselho fiel; assim o pede a honra que me fazeis em me communicar os sentimentos de vosso coração.

Anag. Senta-te.

Ram. Obedeço.

Anag. Não sei, Ramiro, se o fulgor lisongeiro de huma Coroa, e a herança de hum Imperio como o de Castella, me hajão procurado tantos pertendentes do Thálamo Real, ou se o esplendor de uma não vulgar formosura os haja atrahido; eu conto tantos pertendentes quantos Reinantes, e Garcia entre todos mais decididamente me ama, e me pretende.

Ram. [*A' parte.*] [Nome terrivel! . . .]

Anag. O Principe Odoardo não duvida enlaçar os Leopardos Britanos aos Leões Hespanhoes. O segundo génito de França pretende a minha mão, e outros muitos, aos quaes se falta o direito da herança ao Throno, se adornão, e enriquecem de Reaes virtudes. Sigismundo, e Roberto desde a Austria aspirão com a minha mão ao Solio de Castella. . . . E ha outro cujo nome o mesmo amor tem profundamente gravado no meu coração, e nelle vive encerrado.

Ram. Ditosa cadêa!

Anag. Eu quero que o teu conselho hoje atêe o facho do Hymeneo que me espera. . .
[A palidez que se derrama em seu rosto me agrada. . .] [*A' parte.*]

Ram. Dispénsai-me, Senhora, de vos obedecer; não pôde abranger tanto a luz do meu entendimento. O coração de hum Vassallo não tem conselhos que possam, ou deydão dirigir as affeições dos Reis.

Anag. Eu não te peço conselho para o meu affecto; só quero que me digas entre tantos, qual he o mais digno do Thalamo, e do Imperio de Anagilda. Quero hum Esposo, e quero hum Rei....

Ram. E' força obedecer.... [Valor meu coração! Emudeça o amor, e falle a virtude....] [*A' parte.*] Senhora, huma chamma que não é Real, se ousa subir ao Solio mais derrama sombras do que luzes; eis-aqui porque eu não posso louvar, nem approvar laços que vos não sejam iguaes.

Anag. Mas muitas vezes costuma a Politica dos Principes levantar aos degrãos Supremos um coração cuja extracção seja obscura, para que conheça que toda a sua grandeza a deve ao Soberano.

Ram. Mas nunca até ao Solio; porque os Vassallos não soffrerão de bom grado em o logar Supremo aquelle que lhes nasceo igual em condição.

Anag. Tambem tu não nasceste para o Solio, porém se Anagilda.... [Ah! muito disse!] Continúa Ramiro; e pensa sempre naquelle nome que eu conservo gravado dentro do meu coração.

Ram. Os Reis não são chamados ao Thro-

no pelo coração ; só a razão do Estado determina a sua eleição. . . .

Anag. Mas nunca , hum Esposo he bem escolhido para o Thálamo quando a escolha é feita contra os dictames do coração.

Ram. Em o coração de huma Princeza não tem logar a afeição quando se trata de hum Esposo.

Anag. Ah ! Ramiro , Ramiro ! Se huma Rainha amante te offerecesse o seu Thálamo, e o seu Throno , talvez , talvez que a tua boca não proferisse tão austera moralidade !

Ram. Eu saberia então refrear as minhas mesmas esperanças , e responderia assim a huma Soberana. . . .

Anag. Não respondas. . . . Considera melhor ; pensa depois no estado do meu coração. . . . Ramiro , lembra-te que não deves confundir a magestade com o amor. . . . [*Sahe.*]

SCENA VI.

Ramiro só.

Ram. Como somos faceis em nos illudir a nós mesmos julgando existente o que não he mais que esperado ! Mas posso eu esperar que huma faisca só daquelle incendio que me abrasa o peito tenha prendido no coração de Anagilda ? E' por ventura o meu nome que ella conserva encerrado dentro em sua alma ? Suas palavras truncadas , seus olhos langui-

dos, seus frequentes suspiros, tem por objecto a Ramiro? Insensato! Não despregues tão loucamente as azas; põe ante os olhos o teu berço, e a tua condição; não é esta a sorte que o Ceo te tem destinado; não alimentes com hum engano a tua constancia! Olha que no coração de hum amante, a esperanza he hum interprete muito suspeito dos sentimentos alheios! Eu acreditaria o que ouço se não desejára tanto?

SCENA VII.

Represente-se huma Praça.

Fernando, e Garcia.

Garc. E sofrerei eu com hum coração vil, que huma mulher adultera, manche, e enxovalhe toda a gloria da minha ascendencia?

Fern. E será possível que na presença de hum Pai, sejam os filhos accusadores de hum delicto materno?

Garc. Sim, e a mesma publicidade do castigo deve restituir ao nosso sangue aquelle lustre que a culpa lhe tem roubado.

Fern. Ainda quando fosse evidente tão enorme delicto, ainda quando a culpa fosse visivel, a piedade de hum filho devia fazer emudecer a sua boca para não ser o accusador de sua mesma Mãe.

Garc. Esse languido affecto que entre os Vassallos se chama piedade, em quem nasceo Monarca é cobardia.

Fern. Seja embora; mas eu antes renunciarei a vida que renuncie essa mesma cobardia.

Garc. Já que tanto te aborrece o nome de Principe, de forte, e de grande, fique-te o nome de servo; mas no tremendo, e imparcial juizo porque vai a passar essa mulher infiel, vê que não profira a tua boca huma só expressão a seu favor.

Fern. E queres que eu deixe que a innocencia. . . .

Garc. Eu to mando, e com toda a authoridade daquella Coroa que me vai cingir a frente. Hoje sou o teu Principe, e daqui a pouco serei o teu Monarca. Olha que hum Sceptro nas mãos de hum Rei irado é hum raio. Em subindo ao Throno, eu terei Vassallos, mas não terei Irmãos, e hoje começo em Clotilde a aprender a castigar as traições do sangue, e nem todo o que te gira nas veias apagará depois a sêde da minha vingança. Jura o silencio, e o segredo, e vê que juras a hum Principe. . . .

Fern. [*Ajoelha, e pega na mão a Garcia.*] Já que como servo é preciso obedecer á lei. . . Por esta mão que beijo, e por aquelle Nume que eu adoro fulgurante em a face dos Reis, juro soffrer qualquer que seja a accusação com o mais profundo segredo, e in-

violavel silencio. . . . [Oh ! impio Decreto do mais injusto odio !] [*A' parte.*]

SCENA VIII.

Sancho triunfante, e os mesmos.

Sanch. Aragonezes, a Africa está vencida ; eu esmaguei nas campinas de Napoles, e Sicilia a orgulhosa cerviz do altivo Sarraceno. Eu venho coroadado de gloriosos louros ; mas o meu maior triumpho não é trazer atados á triumphal carroça os humilhados Mouros, nem arrastar pelo immundo pó os ganhados estandartes. Eu preso mais o nome de Pai da Patria que o de Conquistador : venho contente porque venho restituir o Esposo á Esposa, o Irmão ao Irmão, o filho ao encanecido Pai, o Cultivador aos Campos, os Sacerdotes ás Aras, e converter os ferros das Lanças, e das Espadas em Arados, e Alviões. Eu faço a guerra para abater a soberba, e eu a prosigo para conseguir a paz.

Garc. Meu Pai !

Fern. Rei, e Senhor !

Sanch. Meus filhos, com quanto praser vos abraço ! Este dia se me torna ditoso por dois muito poderosos motivos ; vejo meus filhos, e deixo hoje o nome de Guerreiro, e Conquistador para escutar sómente o nome de Pai. . . . Dai-me, filhos, dai-me já felizes novas de vossa Mãe. . . . Que é isto !

emudeceis ! Nenhum responde ? Que funesto silencio, que tristes vistas, oh Ceos ! Onde está Clotilde ?

Garc. Deixai, Senhor, que a fama, e o grito público vo-lo diga. A natureza, a natureza mesma me prende a voz, e a embarga para exercer o detestavel officio de hum accusador. Diga-vos, Senhor, o escandalo público quem seja Clotilde.

Sanch. Que ambigüas expressões são essas, Garcia ? ainda explicam menos que o mais profundo silencio. . . .

Garc. Senhor, a gloria de vossos louros, de vossas conquistas dissipou-se em hum instante, murcharam-se vossas palmas triunfaes. A sombra de adulteros abraços offusca a luz que vos cerca ; a perfida he Clotilde, o monstro he o Valido que deixastes ao seu lado em vossa ausencia, e o Governo que lhe confiastes he o vosso vilipendio eterno.

Sanch. Clotilde adultera ! E he verdade o que proferes ? onde estão as provas desse quasi incomprehensivel attentado !

Garc. A minha primeira prova foi hum suspeta, e a segunda os meus olhos : sou filho, e não illudo hum Pai, sou Vassallo, e não minto a hum Soberano.

Sanch. Ceos ! Que escuto !

Fern. [Oh ! remorso cruel ! Oh ! juramento infausto !] [*A' parte.*]

Sanch. Parte Fernando ! [*Muito agitado, e Fernando sahe.*]

Garc. Foge, Senhor, e não pôde sustentar a vista do vosso semblante; o meu coração também palpita. Elle descobre em vós hum Juiz irado; seu peito he menos intrepido, e menos valoroso.

Sanch. E pôde esquecer-se Clotilde de mim, e de si! E atreveo-se a tanto hum Vassallo indigno!

Garc. E tanto imperio tem esse traidor no coração de Clotilde, que até a obriga a sustentar, e atear ainda mais a paixão de Ramiro, e da Princeza Anagilda. Clotilde se oppõe ás minhas nupcias com esta Princeza, e se oppõe aos interesses do nosso Imperio, separando os dois Imperios, e a sua insidiossa malicia insulta assim a Coroa de Aragão.

Sanch. Ah! naquelle mesmo momento em que por meio do derramado sangue de meus inimigos, e por meio de minhas triunfantes armas me franqueava a estrada para o Templo da Gloria, triunfa de meus laureis, e da minha honra hum Vassallo atrevido; e hum'a mulher infiel se arroja a embaciar sobre minha cabeça o fulgor do Diadema Marcial! Oh duras! oh impensadas vicissitudes da sorte! Ah! Fortuna, Fortuna! Se tu me querias vêr opprimido, e ultrajado porque não deixastes que os barbaros Sarracenos me vencessem! Se o teu inconstante pé me devia pisar desta maneira, porque me não conduziste miseravel captivo, envolto em pesadas cadêas ás masmorras de Carthago! Eu

te conheço agora caprichoso Nume, tu me quizeste levantar para que o meu precipicio fosse mais funesto, e o meu baque mais medonho, e estrepitoso! Antes captivo entre os barbaros, que aviltado na minha Corte!

SCENA IX.

Ramiro, e os mesmos.

Ram. Senhor, deixai que meus labios com respeito se imprimão em vossa triunfante dextra....

Sanch. Ramiro, eu descubro em ti hum não vulgar objecto da minha affeição; tu deves conservar esta posse com teu zêlo, e com tua fidelidade....

Ram. E até com o preço de meu sangue, e da minha vida; dádiva he vossa, e só por isto illustre....

Sanch. Escuta. Tenho determinado que tu mesmo promovas, e apresses as Nupcias de Garcia, e Anagilda. Tu serás o agente destes excelsos esponsaes, e treme se contravieres esta minha Real determinação.

Ram. Senhor, e que authoridade, ou poder tem Ramiro sobre o coração dos outros? A persuasão de hum Vassallo violentará acaso a livre vontade de huma Princeza?

Sanch. Ouvem-se, cumprem-se, e não se interpretão os Oráculos do Throno.

Ram. [Mal concebidas esperanças, eu vos

deixo!] [*A' parte.*] Senhor, Vossa palavra he hum Lei, e Ramiro he hum Vassallo. [*Sahe.*]

SCENA X.

Sancho, Garcia, Clotilde, e Gonçalo.

Sanch. [Eis a mulher traidora, a indigna, a impura! e atréve-se a conduzir a seu lado o abominavel Vassallo!] [*A' parte.*]

Garc. [A innocencia, a gravidade vem pintadas sobre aquelle semblante; mas em fim estão dissolvidos os laços da natureza.] [*A' parte.*]

Clot. Sancho, meu Esposo, e meu Rei. . .

Sanch. Retira-te, monstro, e ainda mais abominavel monstro, que todos quantos o Inferno vomita. . . .

Clot. A Clotilde! [*Com surpresa.*]

Gonç. Senhor, a vossos pés. . . .

Sanch. Retira-te traidor; foge a meus olhos, não contamines mais com tua detestavel presença o já tão funesto Reino de Aragão.

Gonç. A mim!

Clot. Senhor, em que peccou, em que vos offendeo Vossa Esposa?

Sanch. Olhai para o rosto desse vil, e alli o ouvireis.

Clot. Garcia, que delicto he o meu, em que pequei contra vosso Pai?

Garc. Olhai para o rosto desse monstro, alli o sabereis. [*Sahe, e o Rei.*]

SCENA XI.

Clotilde, e Gonçalo.

Gonç. Clotilde, são estas as recompensas, estes os premios que eu devêra esperar de meus continuos e assignalados serviços? He este o galardão merecido pelos meus suores, e pelas minhas vigílias!

Clot. Que suores, que premios? Eu não descubro em ti mais do que hum objecto do odio do meu Esposo, e a origem funesta das minhas desventuras. Seja embora injusto aquelle odio, quem he inimigo de Sancho he meu inimigo, eu o detesto, eu o abomino!

Gonç. Tambem me detestas? Oh frageis alicerces da grandeza humana! Hum sopro basta para derrubar o edificio da prosperidade! Oh infeliz condição de hum Valido! Quasi nunca apparecem nem o motivo da sua exaltação, nem a razão da sua quéda! Mas se em os Soberanos não acho asilo, nos Ceos encontrarei vingança. . . . [*Sahe.*]

SCENA XII.

Clotilde só.

Clot. Oh Sancho ! Oh Garcia ! E podeste acolher tão barbaramente huma Esposa Real ! Assim respeitaste ímpio filho a tua Mãe, e a tua Soberana ! E poderei soportar, e sofrer dentro do meu coração como fraca mulher tantos ultrages ? E pôde a minha innocencia desagradar tanto aos olhos de hum triunfador ? Assim te alucina a gloria do triunfo, que até em tua mesma Esposa buscas hum inimigo ? Ingrato Esposo, indigno filho, tereis, tereis hum inimigo em Clotilde. Dentro em meu coração ultrajado achareis toda a Africa outra vez armada. O meu furor se unirá ao furor do despresado Valido. Lembrai-vos que nunca falta hum Reino a quem possue o coração dos Vassallos. Aragão conhecerá que cousa he huma Rainha injustamente offendida. O Reino de meu Pai ainda tem forças para vingar-me. Os Ceos, o Inferno me vingarão ! . . . Que digo ! . . . Ah ! infeliz Clotilde ! . . . Sancho, perdoa ! Meu filho, perdoa ! Que céga indignação me perturba ! Vinde a meus braços ; em vossos turbidos semblantes até adóro a injustiça das vossas iras ! E pude aborrecêr-vos, pude odiar-vos hum só instante ! Ah ! Se a minha dor vos não aplaca, se a minha in-

nocencia vos não desarma ; vinde vós mesmos , traspassai-me o coração ! Sancho , não respeites a Esposa , Garcia não reconhêças tua Mãi ! Oh natureza , recobra os teus direitos , faz ouvir teus gritos , vinga as tuas Leis ! Clotilde he innocente ! O Ceo me escuda , e nunca o Ceo deixou impune a calúmnia , e a mentira.

ACTO II.

SCENA I.

Represente-se huma Sala.

Garcia só.

Garc. **N**ão sei se o que acabo de alcançar de meu Augusto Pai he castigo , ou vingança contra Clotilde ! O mesmo genio , e os talentos de Gonçalo me provão a offensa do Real Thálamo. A intimidade com a Soberana , as suas continuas conferencias justificão a minha accusação , e se a accusação he justa , será tambem justa a pena , e a vingança. Se eu disse que os meus olhos forão tambem testemunhas do seu delicto , esta mesma impostura he hum natural desaforo do meu odio , he o primeiro effeito da minha céga vingança , e se eu me devia vingar , ou não pequei na accusação , ou pequei

com justissimos motivos. Mas eu vejo Anagilda. . . . Vou dissipar com sua vista o péso , e a sombra dos tristes pensamentos , e crueis remorsos que como despidadas viboras me rasgão o seio.

SCENA II.

Garcia, e Anagilda.

Garc. Bellissima Anagilda , eis o dia que vai encher de gloria o Imperio de Aragão ; e seria acabada esta mesma gloria , se neste dia Hymeneo nos unisse para sempre , e os Reinos de Aragão , e Castella fossem hum Imperio só.

Anag. Eu não regeito , ó Principe , este suavissimo jugo ; sabe Anagilda a estima que lhe deve ; mas o meu coração justamente cioso da sua liberdade , não a prende , nem mesmo nas lisongeiras cadêas de Hymeneo.

Garc. O vosso coração não póde ser inimigo da sua mesma grandeza.

Anag. Não se augmenta a grandeza quando se dá tanto quanto se adquire.

Garc. Princeza , subjugar a soberba do vosso coração será o maior timbre da minha gloria. Mas sabei , que se se fallasse a favor de Ramiro , talvez que o coração de Anagilda não fosse tão cioso da sua liberdade.

Anag. Sim , Principe , eu me lisongeio de conservar o coração livre ainda entre os con-

trastes do merito , e da belleza , e apesar disto eu contemplo em Ramiro os mais sublimes dotes do espirito de hum Principe benemerito , e se não deve tudo á Fortuna , a Natureza tudo supre em seu coração ; senão nascêo para o Throno meréce o Throno , e se em Ramiro se ateassem as chammas de hum innocente affecto , ainda que as não coroasse com a minha dextra , eu as não desprezaria com a minha alma.

Garc. Entendo , pérfida ; teme a vingança de Garcia. . . .

SCENA III.

Anagilda só.

Anag. Sou livre , e sou Princeza , e o meu coração não he responsavel mais que a si mesmo de seus affectos ; se eu amo Ramiro , que importa que até no meu semblante , e nos meus olhos se divise , e se conhêça este incendio em que sinto abraçar-se o coração ?
[*Sahe.*]

SCENA IV.

Clotilde , e Sancho sentado.

Sanch. Chega , mulher traidora , chega ao rigido Altar da indignada justiça , e lembra-te que hes ré da vilipendiada honra de hum Thálamo Augusto !

Clot. He possível meu Rei!... [Ah! eu não posso já pronunciar o doce, e amavel nome de Esposo!] He possível que o vosso entendimento se deixe arrastar tanto de hum odio cego, e implacavel, que queirais cobrir-me de opróbrio no meio de huma Nação que he theatro, e testemunha das minhas constantes virtudes? Se vos apraz despojar-me do Thálamo, e do Throno, voluntariamente dêsgo, e abandôno hum bem a que a Fortuna tem misturado tantos males; mas deixai que eu dêsga com gloria, e que leve comigo hum nome de que o meu sexo se não deva envergonhar. Clotilde impudica!.... Quem a accusa? Quem he o cumplice deste delicto?

Sanch. O cumplice he Gonçalo, e o accusador he o mais fiel que tem apparecido diante do tribunal de hum Principe clemente.

Clot. Seja embora; he hum traidor, e mente.... São testemunhas Aragão, os Céos, e os filhos....

Sanch. Os filhos? Sim, sejam essas as testemunhas a quem se dê inteiro credito; sejam os filhos os que te absolvão, ou te condemnem.... Chamem Garcia, e Fernando....

Clot. Aprendeste, ó Sancho, entre o estrepito das Armas o barbaro costume de pizar desta maneira as sagradas Leis da fé, do amor, e do Hymeneo? E soffrerei tranquilla tão grande ultrage? Sois Monarca,

mas deveis respeitar mais vosso mesmo Thálamo, e o nome de Clotilde.

SCENA V.

Garcia, Fernando, e os ditos.

Sanch. Clotilde, eis-aqui Garcia, eis-aqui Fernando ; eu deixo a teu arbitrio a livre escolha de hum delles para teu defensor....

Garc. [Deixa-me importuno remorso, para que me accusas ? Para que me estás arguindo de infame e monstruoso accusador?] [*A' parte.*]

Fern. [Horriavel scena ! A mesma natureza offendida brame dentro em meu coração, e se ressentente !] [*A' parte.*]

Clot. Principes, eu não vos quero dar o dôce nome de filhos ; hoje dispenso o vosso amor dos sagrados direitos do sangue. Atrêve-se o mais detestavel, e infame coração que até agora tem injuriado os Ceos, atrêve-se.... [tremei á vista de tão atroz delicto !] atrêve-se a imprimir no rosto de Clotilde o character impuro de adultera, de lasciva, de impudica ! A gloria de vosso Pai he a vossa mesma gloria, e a vós sómente se deve, a vós cumpre, não a minha, porém a defensa de vosso mesmo Pai. Dizei vós mesmos qual tenha sido a minha conducta na ausencia de vosso Pai ; não fostes vós mesmos perpetuos guardas, e perpetuos observadores das minhas accções ?

Garc. Senhora, o Ceo tem posto nos grandes delictos a mesma, e a mais terrivel pena de quem os commétte, onde acaba o erro ahi coméça o castigo; mas huma funesta cegueira abafa o entendimento para os não conhecer. Vós buscais a defesa em Garcia, e em Garcia achais a accusação! Eu.... vosso filho, eu mesmo vi injuriado o Augusto Thálamo do vosso Rei, e de meu Grande Pai.... Eu mesmo....

Clot. Cála-te, injuria da Natureza, e horror do mesmo Ceo! Cála-te espanto, e escandalo até do mesmo Inferno! Nem hes meu filho, nem hes hum Cavalheiro Nobre.... Fernando! Oh tu! parte melhor da minha alma, o Ceo te guarde para propugnador da innocencia de huma pobre, e afflicta Mãi. Dize tu, filho, se eu em dois continuos annos de ausencia fui digna de Sancho, e digna de mim; dize se meus costumes forão dignos da filha de hum Rei, e da mulher de hum Soberano. Eu te péço por aquelle Deos a quem he patente a minha alma innocente, que abatas a indigna accusação, a atroz impostura desse monstro; livra-me, filho, deste infernal tormento!

Fern. [Oh! juramento infausto! Oh! remorso cruelissimo!....] [*A' parte.*]

Sanch. Eis destruida a defesa que buscas em teus mesmos filhos, hum accusa, outro emmudéce, e neste atroz delicto tanto explica a palavra como o silencio.

Clot. Senhor, já que vos apraz declarar-me Ré deste execrando delicto com o testemunho dos filhos, eu não repugno, antes me sugeito ao meu implacavel fado. Antes que descarregueis o golpe, eu vos pégo huma mercê; deixai que Garcia fique comigo hum só instante, a pró da minha innocencia eu quero combater o seu coração com duas armas invenciveis, a honra, e o amor.

Sanh. Fique, e eu tornarei depressa, ou a punir-te culpada, ou a absolver-te innocente como Esposo, como Juiz, e como Soberano.

SCENA VI.

Clotilde, e Garcia.

Clot. Principe, e filho meu, fita bem teus olhos neste rosto; eu sou Clotilde; Clotilde, filha daquelle que rége com poderoso Sceptro os vastos Reinos da Noruéga, e Dinamarca, e cujo braço invicto tem colhido tantos louros sobre os gelados climas do Pólo. Eu sou Clotilde, que honrei com as minhas nupcias o Thálamo de Aragão. Eu dei a Sancho a minha dextra, com tanta ambição buscada, e com tanto trabalho obtida. Eu sou Clotilde, ó Garcia, cujo nome excelso tu manchas com a imputação atróz de hum delicto execrando. Eu sou Clotilde, oh ímpio! E assim respeitas o meu bêrço, a minha jerarquia, e aquelle illustre character,

que até em tua fronte tão cégamente imprimo o Fado? He este procedimento digno de hum Principe, digno de hum Cavalheiro? Não trêmes, não te assustão as iras de meu Pai? Não te amedrontão os raios do Ceo que já cruzão, já lampejão sobre a tua cabeça? Não te atemorisa aquelle incessante vér-me que róe, e despedaça o coração dos malvados? [*Huma pausa grande.*] Até agora fallou a Rainha Clotilde ao Principe Garcia, agora falla Clotilde Mãi a hum terno, a hum amavel filho. . . . [*Abráça-o.*] Filho! Ah! meu filho! E não póde o éco deste dôce nome suspender os teus passos na carreira de hum delicto? Põe sobre este coração as tuas mãos. . . e para isto te dei eu a vida, para me dares huma morte infame! Este peito que intentas traspassar com duro ferro, he aquelle mesmo peito onde te acolhi, onde te alimentaste! . . . Olharás para o meu cadaver exangue com a mesma indiferença com que o cruel, e ingrato Nero olhou para o cadaver de Agripina? Queres renovar em Çaragoça as mesmas scenas de horror que funestárão os Palacios da antiga Roma? Nunca huma terna Mãi, ainda que criminosa, he culpada aos olhos de hum filho. Eu sou innocente, e tu sabes que o crime he teu. E poderia eu prever que estas mãos [*Pega-lhe nas mãos.*] que estas mãos, que tênras, e pequeninas se lançavão a este colo, e me acarinhávão estas faces,

devião ser humas mãos parricidas, que derammassem aquelle mesmo sangue que corrêo das minhas veias para as tuas veias, do meu coração para o teu coração? Que furor, que impiedade te cega, meu filho, que assim queiras violar os sagrados e ternissimos direitos da Natureza? Entra em ti mesmo, confessa o teu erro, destróe tu mesmo a calúmnia que me condemna, e se eu te amo culpado como te não defenderei arrependido, e innocente? Absolve, salva tua mesma Mãe, e se te não condões de mim, condóe-te de ti mesmo. Tréme, filho, tréme do empenho com que os mesmos Ceos atonitos vão punir o teu delicto.... [*Huma pausa, e ajoelha.*] Oh! Deus Eterno! Oh! Arbitro dos Reis! Saciai, saciai em mim a immortal ira do vosso zêlo!..... Desfechai o raio, morra Clotilde, perdoai a Garcia!.... Filho.... Eu morro.... Ouve a ultima voz da Natureza.... Eu te perdôo.... [*Cae como desmaiada.*]

Garc. Ah!..... Em fim venceste, ó Natureza! Oh! constancia! Oh! ferocidade! Oh! ira! Oh! vingança! Para que me abandonais! Mas não... afeições ternas não são compativeis com o coração de Garcia? Já não sahirá o Inferno de meu coração!.... Furias! completai humas obra que he vossa; não recobreis o punhal que vós mesmas pozesteis em minhas mãos; cumpri o delicto que vós mesmas inspirastes....

Clot. [*Levantando-se.*] Ah ! não fujas , meu filho ! Se te apraz ver , e contemplar estas infelizes entranhas que tão fero sangue te communicarão ; com essa mesma espada que te pende ao lado ábre-me o coração , verás nelle a innocencia que ultrajas. Apraz-te a minha morte ? Eu a não recuso ; respeita ao menos o nome de Mãi se te não lembra o de Rainha ; farta , farta em meu sangue as furias que te agitação ! Mas em signal ultimo da paz que te deixo , e do amor que ultrajas , deixa que eu imprima ainda hum beijo naquella mão de quem espero a morte [*Beija-lhe a mão.*] Recebe-o Garcia , e paga-o com hum suspiro Chama-me ainda huma vez Mãi E depois depois rasga o meu peito ! [*Permanece hum pouco com a bôca unida á mão de Garcia , e depois sahe.*]

SCENA VII.

Garcia só.

Garc. Que importuno gêlo sinto misturar-se ao incendio abrasador da minha íra , e da minha vingança ! Que estranho , e desusado tumulto levantou em meu coração aquelle insidioso beijo ! Se Clotilde he innocente , que horrivel he a minha culpa ! Que ímpia , e abominavel he a minha vingança ! Oh ! Garcia ! Oh Principe ultrajado ! Tão depres-

sa não se resfria hum sangue onde arde hum justo, e generoso desejo de vingança. Clotilde innocente! Quem sugeita o coração a arbitrio estranho, mete em escravidão seus mesmos affectos: Clotilde não pôde, ou não deve ser innocente! Sirvão os testemunhos dos meus olhos para sustentar a accusação. A minha honra vai interessada nesta fatal mentira. Morra este vérme infiel que me rala o coração. E não serei eu capaz de contrastar, de soffocar os remorsos? Se eu péço, péço com o fausto de hum Principe vingativo, e iguale a grandeza da vingança á grandeza da minha pessoa. A seta fatal está despedida do arco, he já impossivel suspendêr-lhe os impetos, fique embora para sempre inquieta aquella mão que vibrou o decretorio golpe. [*Sahe.*]

SCENA VIII.

Gonçalo, e depois Fernando com Guardas.

Gonç. Levêmos, levêmos ao nosso Sobe-rano, e lancêmos a seus pés esta aborrecida frente; vamos, e veja elle em meu peito impressos os testemunhos da minha infidelidade. Vamos derramar este sangue vil, e abjecto, que não soube dignamente sustentar nos campos de Marte a gloria de Aragão; appareça este traidor Vassallo, que nunca

soube com o braço, e com o conselho defender, e especar a vacilante Monarquia. . . .

Fern. Conde, teu Monarca, e Senhor te péde a espada, e te manda declarar prisioneiro, e lembrado ainda de tuas illustres acções, e assignalados serviços feitos á Coroa de Aragão, te concéde a honra de te mandar desarmar, e prender por seu mesmo filho.

Gong. Não devia ser outro o Ministro de seus Decretos, nem de outra maneira se devião recompensar os meus triunfos, e as minhas victorias. A Patria foi ingrata a Scipião, e Justiniano a Belizario. . . .

Fern. Oh! lá guardas! Ficai responsaveis pela pessoa do Conde. [*Sahe Gongalo.*]

SCENA IX.

Fernando só.

Fern. Que horrenda tempestade fórma neste dia o Fado sobre os horisontes de Aragão! No meio do silencio desta profunda noite, junto o Conselho de Estado! Que terrivel mysterio! Erguêo-se o braço sacrilego para a mais barbara de todas as vinganças, e eu vejo infallivel o golpe cahir sobre a cabeça de Clotilde. Ah! que este golpe atroz resvalla da frente de minha infeliz Mãi para ferir o meu coração! Se ella he Ré, a mesma Natureza que me obriga a detestar o de-

licto, me obriga tambem a respeitar huma Mãi, ainda que culpada. Mas se ella he innocente? Oh! cegueira do odio, que póde ainda apesar do sangue pizar os sagrados foros da Natureza! Oh! remorso! Oh! pena! Oh infausto, e abominavel juramento! [*Sahe.*]

SCENA X.

Anagilda só.

Anag. Oh! Ceos! que apertado trance! Huma alma Real difficilmente acredita que hum crime obscuro tenha logar no coração de quem cinge hum Diadema na cabeça; e uma verdadeira amizade sempre julga contaminada a innocencia daquelle peito a quem ama; eis-aqui porque eu não posso, nem sei acreditar a culpa de Clotilde! Póde ser criminosa huma Rainha; mas Clotilde não he criminosa! Mas eu vejo Ramiro; acclarêmos se he possivel este horri-vel mysterio.

SCENA XI.

Ramiro, e *Anagilda*.

Ram. [*Anagilda!* Oh! duro tormento!

Para que eu viva he preciso que obedêça ao meu Rei contra o imperio do meu coração !]
[A' parte.]

Anag. Deliberaste, Ramiro, ou tomaste por fim sobre o imperio do meu coração o conselho que eu te pedi?

Ram. Sim, eu formei o meu conselho sobre a idéa, e sobre o modelo, não do teu coração, porém do teu fado deves escolher....

Anag. Quem?

Ram. Garcia....

Anag. Não, Ramiro.... He verdade que eu vejo em Garcia a gloria da sua estirpe, e o Herdeiro de Aragão; mas não sei que diviso nos costumes deste Principe de agreste, e feróz. A soberba, e o invencivel orgulho se pintão sobre o seu rosto; se he insupportavel Principe, que será Monarca? Pensa melhor, Ramiro, e depois decide.

Ram. O que parece orgulho em quem nasce Vassallo he grandeza em quem reina, e o Sceptro de Castella enleado ao Sceptro de Aragão tornarão formidavel o Imperio das Hespanhas, não só á Africa, porém á mesma Europa, e eis-aqui o que deve ser o primeiro voto dos Monarcas. Reina Anagilda, e faz emmudecer a ternura do teu coração.

Anag. Será hum Rei formidavel á Africa, e á Europa, mas não será hum Rei agradavel ao coração de Anagilda: pensa,

Ramiro , naquelle nome que eu te disse existia profundamente gravado em meu peito....

Ram. He tempo Princeza que se descubra o teu destino : o Ceo determina que o teu Esposo seja Garcia , e Sancho assim o quer.

Anag. Pois porque Sancho o quer , o recusa Anagilda. O sangue que me anima , e que me corre nas veias , abaixo do Ceo não tem , nem conhece Soberanos. Esse injusto attentado sobre a minha liberdade , priva o mesmo Garcia de algum jus que o seu fastuoso pensamento lhe podia dar ás minhas nupcias.

Ram. Não despreses , Anagilda , o excelso laço ; seja voluntario o teu consentimento. Huma violencia he a offensa mais pesada que se póde fazer a huma alma grande. Os Principes não calculão os limites a que póde chegar a authoridade , mas sim os limites a que póde chegar a força quando a razão do Estado pede huma prompta determinação. Não te négo que o Principe Garcia não seja féro , e altivo ; mas esta altivez , ou não he vicio em hum coração Real , ou se he hum vicio , o teu amor o saberá moderar.

Anag. Et tanto te interéssa que o Principe Garcia seja o meu Esposo , que escogites para me subjugar com violencia tão fortes , e tão agudos argumentos?.... Ouve , in-

grato ; mas deixa primeiro que eu péga ao meu mesmo pejo a liberdade de me explicar. Sabe que eu te amei, e te amei tanto, que a despeito do meu mesmo dever, eu te via ainda com mais prazer que as mesmas Coroas que se me offerecião. O meu coração foi quem te escolheu. He verdade que eu não to declarei ; mas se a minha boca foi muda, fallarão os meus olhos, fallarão os meus suspiros. Esta he a lingoagem mais expressiva para os amantes. . . . E tu, ingrato, tu regeitas o meu Real amor, e ousas tu mesmo lembrár-me, e determinar-me outro Esposo?

Ram. Ah! não Rainha!

Anag. Cala-te, e ouve o que resolve em fim o meu moribundo, e despresado amor. Eu regeitei as nupcias do Principe Garcia, determinando-as o Rei ; mas eu as aceito porque Ramiro as quer. Eu sugeito á tua determinação a liberdade do meu coração. Aqui tens, aqui tens huma victima bem illustre. Eu amarei no meu Esposo huma dâdiva tua ; ver-se-ha nos meus abraços o teu conselho ; tu mesmo espalharás as rosas sobre o meu Thálamo ; tu mesmo acenderás o facho nupcial. . . . Que digo ! Que delirio ! Deixa-me, ingrato ! [*Sahe.*]

SCENA XII.

Ramiro só.

Ram. Ah! Anagilda! Anagilda! No mesmo momento em que te acabo de adquirir te pereço para sempre! Eu vi nascer teu amor; eu o vi expirar! Em hum ponto só; eu vi o bêrço, e o tumulto! Oh! fatal infidelidade dos bens extremos! São breves como relampago; o seu nascimento he o seu fêretro! Se eu te deixo, Anagilda, se eu te abandono ao teu destino, e á tua grandeza; ainda que te houvesse já conhecido amante, eu não seria hum ingrato, seria hum generoso. Torna, torna oh! formosissima injusta; e já que o meu nome estava gravado no teu peito, abre o meu peito, e verás se alli estava tambem profundamente gravada a tua divina imagem!

SCENA XIII.

Representem hum Carcere.

Clotilde, e depois Ramiro, e Guardas.

Clot. Vai, Soldado fiel, e leva ao meu Esposo estes meus extremos votos. Dize-lhe que por ultimo rasgo de sua clemencia me veja ainda a vez ultima antes que eu curve

o pescoço ao ferro da morte. . . . [*Parte hum Soldado.*] Venha, e derrame com o seu rosto hum raio de luz neste horroroso Carcere; ouça o ultimo gemido do meu moribundo, e mal logrado amor.

Ram. Infeliz Rainha, eu venho ser o miseravel nuncio da vossa extrema desventura.

Clot. E que maior mal me podes tu annunciar que não tenha já rasgado o coração de Clotilde! A morte! E que he a morte depois da terrivel, e medonha idéa de hum filho, ou monstro, que denegrio a fama de sua mesma Mãe? Eis-aqui o maior, e o ultimo dos males!

Ram. Eu não vos posso, Senhora, julgar culpada, nem a Garcia traidor. Tão horrenda culpa não cabe no coração de huma Rainha, ou se cabe exclue para sempre todas aquellas virtudes que eu ainda em vós admiro, e ainda observo. E se hum Principe não se atreve a mentir até contra o mais vil Plebêo, como se atreveria a mentir onde a mesma Natureza oppõe todas as barreiras, e todos os obstaculos á impiedade? Eu só em vossas desventuras accuso, e culpo os Fados. O Supremo Conselho que vos julga, não estende a sua authoridade até ao Ceo. O Conselho vos presume culpada, e quando não possaes allegar outra razão em vossa defesa, ou não possais achar hum braço que empunhe huma espada, e que dispute com Garcia a vossa innocência, a-

penas raiar o dia, vós sereis decapitada em hum cadafalso, e Gonçalo ainda soffrerá hum mais atroz, e infame supplicio, armavos de constancia, e soffrei a morte como Rainha.

Clot. Pois está lançada a horriavel sentença, eu adóro as determinações de Sancho, e do Conselho; só me peza do titulo cruel do meu supplicio que tão iniquamente ultraja o meu decóro, e a minha gloria.

[*Ajoelha.*] Deus Eterno! Eu consagro ao pé dos teus Altares a innocencia do meu triste nome. Vêr-me-ha o cadafalso com o rosto sereno, com o coração intrépido, ver-me-ha até alegre, e satisfeita, se me for dado naquelle lugubre instante, descobrir no rosto de meu Esposo e Rei huma sombra de arrependimento! [*Sahe Ramiro.*]

SCENA XIV.

Sancho, e Clotilde.

Sanch. Clotilde, eu não me dedigno ainda huma vez de fitar meus olhos sobre o teu semblante. Esta he a extrema dadia que eu consagro á memoria infausta de hum Hymeneu Real, que tu, ai muito cruel! ousaste trahir.

Clot. Meu Esposo, meu Rei, se eu sentisse o meu coração ferido deste golpe vil, eu não teria supplicado ainda huma vez a

presença amarga do meu Juiz ! Para huma alma culpada , seria a tua vista a mais horrorosa pena. Sancho , eu morro innocenté , eu guardei toda a fé que devia ao Thálamo Real ! Mas he preciso que eu morra , Garcia o quer , Sancho o consente , e o Conselho o determina. Dêvo o meu sangue ao filho , dêvo-o ao Marido , e devo-o tambem ao Reino.

Sanch. Se Clotilde he innocenté , he Garcia hum traidor , e onde quer que este formidavel raio venha a cahir , sempre bebe o meu sangue , sempre obscuréce a minha fama.

Clot. Senhor , o raio não cáhe senão sobre a minha cabeça. Não ha quem entre em campo para ser o defensor da minha innocencia ; ainda quando o houvesse , ah ! com este peito a que o alimentei eu serviria de escudo ao meu filho ! Senhor , eu te peço pela dulcissima memoria de nossos mutuos , e primeiros transportes , por este ultimo pranto , e por aquelle sangue que dentro em poucas horas verás correr de meu truncado pescoço , por aquellas medonhas sombras de que a morte deve cobrir o meu cadafalço , eu te peço que perdões a Garcia a atrocissima calumnia , e a Fernando aquelle cruel silencio que arma o braço de hum algoz , e me cava a sepultura. As culpas tem o seu maior castigo no coração de quem péca ; baste este supplicio aos filhos. Não me lem-

bro que sou Rainha para a vingança; lembro-me que sou Mãe para o amor. E tu deretama sobre elles vistas de hum Pai piedoso. O sangue que para as suas veias se derivou das minhas, he a fonte do seu delicto; com a minha morte ficará punido; finde com ella tambem o teu odio, ó Sancho, e não deixes jámais de juntar ao amor que deves aos filhos huma terna lembrança da desgraçada, mas innocente Mãe!....

Sanch. Que tumulto, Clotilde, levantão as tuas palavras em meus pensamentos! Esse que em ti falla mascarado amor, não he mais que hum engenhoso defensor da culpa.

Clot. Escolhe, Sancho, o que quizeres; se te apraz a minha morte, eu a acceito; se me queres julgar culpada, ella será hum castigo; e se me julgas innocente, pela minha innocência, eu te peço que defendas os meus filhos.... Eu não pequei contra a tua grandeza, nem contra a honestidade devida ao Thálamo Real. Aqui está, Sancho, aqui está prostrada a teus pés Clotilde, não já com o nome de Rainha, mas com o de Escrava, e se mo consentes dizer ainda huma vez, com o nome de Esposa: eu banho com minhas lagrimas estes pés; lança ainda huma vez os olhos teus, mas com dogura sobre estas lagrimas infelizes. Dize o ultimo adeos a Clotilde; com este ultimo adeos ser-me-ha dôce a morte, e eu vôo ao cadafalço!....

Sanch. Ah! reliquias do amor! Que violento incendio hides despertar em meu peito!

Clot. Sancho! Sancho! Tu choras? Oh! doces lagrimas, e vertidas de huns olhos que me são tão amáveis! Deixa, Sancho, que eu as recolha em meu seio, e depois que esta cabeça cahir decepada das mãos do algôz, vai, busca essas mesmas lagrimas em meu ensanguentado peito, digna-te vê-lo já frio despojo da morte; lança hum suspiro, e dize «desgraçada, e innocente Clotilde, eu te prantêo.» Se tanto me promêtes, ah! com quanta alegria voará a minha alma, primeiro ao teu rosto, e depois ao Ceo....
[*Prostra-se toda.*]

Sanch. Já não posso resistir á minha dor!...

Clot. Deixas-me, Sancho?....

Sanch. Sim, Clotilde, adeos!....

Clot. Ah! não me abandones! He este o ultimo dia! Nunca mais verás Clotilde! Nunca mais verei Sancho!....

Sanch. Clotilde, adeos.... Infeliz Pai!
Infeliz Esposo! Infeliz Monarca!....

ACTO III.

SCENA I.

Represente-se huma Sala.

Garcia , passeando.

Garc. **N**em o miseravel baixel combatido das furiosas ondas , e violentos tufões , nem as inquietas chammas de hum voráz incendio , são imagens bem expressivas da horrenda agitação da minha alma ! Sinto em torno de mim as furias com facho acêzo , e o espectro horrivel , e medonho da minha culpa me voltêa de continuo ante os olhos ! Eu me conheço Réo infame de meu proprio tormento ! Os grandes delictos comêção-se com fausto , consumão-se com paz ; mas deixão depois de si para serem vingados , hum tardio , e desesperado arrependimento. Mas o meu coração he insensivel ao remorso ; esta he a fraqueza das almas plebêas : busquemos ao menos huma diversão á minha infructuosa mágoa na companhia de Anagilda. . . . Mas eu vejo Ramiro , he preciso que eu o observe sem ser visto. . . . [*Retira-se a hum quarto.*]

SCENA II.

Ramiro, depois Anagilda, e Garcia occulto.

Anag. Ramiro, nesta Sala, e a estas hora?

Ram. Sim, Anagilda, ao menos devo adogar com a tua vista a crueldade de meu implacavel destino!

Anag. E de quem te queixas?

Ram. Oh! Ceos! Eu deliro! Quando contemplo a alta fortuna a que o teu affecto me destinava, e na força que me obriga a perdêlla considerando-te nos braços de hum rival! Póde a morte ser mais amarga?

Anag. Que he isto, Ramiro? Pois arrependes-te da dádiva que me fizeste de huma Coroa?

Ram. Não, não me arrependo, Anagilda; mas ao menos quereria que tu com huma leve demonstração de magoa recebesses este meu infausto presente.

Anag. [*Com ar de ironia.*] Oh! Essa magoa seria huma manifesta offensa daquelle generoso coração com que me offereceste hum Esposo!

Ram. Não foi o meu coração generoso, foi hum duro, e inexoravel Decreto. . . .

Anag. Devias ser menos Vassallo, e mais amante.

Ram. Errei, eu não o nego. Eu vou punir-te deste innocente delicto. Vai, Anagilda, vai para os braços de Garcia, eu aplaudirei as tuas Nupcias com o meu pranto. Eu amarei sem esperança, eis-aqui o mais cruel entre os martyrios de amor ; o teu coração ficará vingado, e Ramiro punido....

Anag. [Sinto liquidar-se-me o coração de ternura!....] [*A' parte.*]

Ram. Morro, Anagilda, morro!... As nossas iras não passam além das sombras do tumulto ; sobre as minhas cinzas deixa ao menos cahir algumas lagrimas!... Adeos....

Anag. Não posso resistir mais!.... Ramiro, o arrependimento apaga n'hum coração nobre a memoria da maior offensa. Vive Ramiro, vive. Será tua Anagilda. Debalde implora Garcia a injusta authoridade de Sancho para obter a minha dextra. Eu ta offerêço desde já.... he tua, e o meu coração....

SCENA III.

Garcia sahindo repentinamente, e os mesmos.

Garc. Vil!.... Suspende essa mão profana ! Temerario Vassallo , tem mais respeito ao teu Soberano ! E tu, Anagilda, aprende a presar mais a alta fortuna de hum Hymeneu Real.

Anag. Sei quanto se deve ao nome de Principe, e de Rei ; mas tambem sei quanto

he indigno da minha estima hum sacrílego , e profano accusador de huma Mãi , e de huma Rainha. Nem o Throno de Castella quer para Soberano , nem Anagilda para Esposo hum monstro que pôde derramar o sangue materno. [*Sahe.*]

SCENA IV.

Garcia , e Ramiro.

Garc. Se eu não julgasse , ó vil , hum objecto indigno do meu odio embeber esta espada nesse peito plebêo , eu com ella apagaria no teu coração a imagem de Anagilda.

Ram. [*Tranquillo.*] Principe , guarda para melhor uso esse guerreiro esforço , depressa me terás em campo propugnador da innocencia de tua desgraçada Mãi , e eu prova-rei com a minha espada , que quem a accusa he hum traidor , e mente !

Garc. Que escuto ! Ah ! de huma causa tão vil só tu podias ser o illustre defensor ! Eu vôo ao campo , e pagarás , cobarde , o teu atrevimento !

SCENA V.

Ramiro só.

Ram. Deus Eterno ! Cujo primeiro empenho he punir o ímpio , e levantar , e coroar

o justo. Se Clotilde he innocente , enchei todo o meu coração do fogo do vosso zêlo. Endurêça-se a minha espada na bigorna fatal em que temperaste o raio tremendo com que castigais os traidores , e os regicidas. Triunfem as vossas iras sobre a ímpia cabeça de Garcia. Eu vos offerêço este braço para ministro , e não vil , do castigo deste monstro. Se Clotilde he culpada fêche os meus olhos a morte , e vós aceitai a intenção que eu tenho de defender a innocencia. . .

SCENA VI.

Represente-se a vista de Carcere.

Fernando , e depois Clotilde.

Fern. [*Aproximando-se ao quarto de Clotilde.*] Oh ! Ceos ! onde me encaminho ! E em que momento aqui está Clotilde ! Eu devo fugir da sua vista ; seu semblante he a minha reprehensão , e a minha pena !

Clot. [*Apparecendo com Guardas.*] Fernando , suspende-te , e lança as ultimas vistas sobre as infelizes angustias de huma Mãe innocente.

Fern. Oh Nome ! Oh Voz ! Oh Sangue . . .

Clot. Não julgues filho que eu te quero exprobar o teu culpado silencio. Eu vejo que a Natureza exercita em ti este ministerio ; deixa que eu veja e talvez que a vez ultima

o teu rosto, e descubra nelle ainda os vestígios de tantos, e tantos amorosos osculos, se os não tem apagado aquella injusta ira que degráda teu Irmão. He injusta, Fernando, e eu to juro por quanto ha sagrado no Ceo, e na terra; e eu to juro neste extrêmo passo em que o mais abominavel Réo se não atreve a mentir.

Fern. [*A' parte.*] [Oh! fatal juramento!...]]

Clot. E négas, cruel, a vista de teus olhos aos votos de huma Mãi moribunda! Temes que as minhas lagrimas amolêção o teu coração? Enão te diz este mesmo coração, que aquelle de quem tu hes parte he innocente? Vive, filho, e vive feliz! Eu te deixo a minha paz, o meu amor, e o meu perdão! Vive, e segue as heroicas pisadas de teu grande Progenitor. Vive virtuoso, e semelhante a tua Mãi... Eu te verei no Ceo! A morte já apressa o meu fatal momento!... Adeos, Fernando; esta he a minha ultima vista, este he o meu extrêmo abraço!... [*Abraça-o.*] Não te verei mais, não me verás mais!... Adeos, Fernando, adeos.... Eu vou morrer....

Fern. Mãi!.... [*Sahe.*]

SCENA VII.

Clotilde só.

Clot. Assás tenho servido aos affectos de

Mãi. . . . Eia pois , tomêmos o character de Rainha , agora que contra mim vibra a lança fatal o inevitavel fado , eu a espero com valor , e envergônhe-se a ímpia Fortuna das minhas mesmas desgraças , e o injusto Esposo , os ingratos filhos lêião no meu semblante qual era a temperada alma que eu guardava no peito. Creião a minha innocencia em meu mesmo supplicio. Vivêo como Rainha quem sabe morrer como forte.

SCENA VIII.

Clotilde, e Anagilda.

Anag. Miseravel Rainha ! Sabe o Ceo quanto me dóe o teu desgraçado destino, Eu escutei a tua culpa com horror ; mas não com credito ; eu dou á tua morte todo o meu sentimento.

Clot. Se eu visse cahir sobre mim os raios do Ceo sem offensa de meu nome , afrontaria a morte , não só com valor , mas com alegria. O que me traspassa o coração he a minha fama iniquamente trahida , e vilipendiada ; mas eu inclino a cabeça reverente ao Grão Decreto do Ceo , e adoro a alta sentença do meu Rei. . . . Rainha , aprende de mim , quão fallivel seja o aparato das humanas grandezas. Hontem me obedecêo Aragão sentada no Throno , hoje me arrastra com o character vil de adultera ao cadafalço,

e á morte. Chora a minha catastrophe, guarda, e defende a minha memoria, e por ultima dadiva, antes que eu sinta o fatal golpe, recêbe este abraço.... [*E retira-se.*]

SCENA IX.

Anagilda, e Ramiro.

Anag. Ceos! E não tendes piedade da innocencia?....

Ram. Sim, Anagilda, os Ceos tem piedade da innocencia, e tem encarregado os meus braços da sua defesa.

Anag. Que escuto?....

Ram. Sim, Rainha, eu entro armado no campo, e não cobarde Campeão de Clotilde. Eu já obtive o Real consenso. Clotilde o verá, e o ímpio Garcia provará com seu sangue a sua perfidia, e crueldade.

Anag. Ah! Ramiro! Não queiras que te veja exposto a hum transe fatal. Suspenda-te já esta palidez que se derrâma sobre o meu rosto.... Mas não, não te suspendas; vai, invencível Guerreiro, combate, vence, vai Soldado, e tornarás Esposo de Anagilda...

Ram. Já tenho seguro o triunfo. A mesma honra do Ceo tem interesse no favor da innocencia opprimida. O teu commando me torna formidável, e invencível; vou combater, e vou vencer; e tornarei a teus pés com os despojos de Garcia....

Anag. Assim te espero. [*Sahe!*]

SCENA X.

Ramiro só.

Ram. O' tempo, traze-me já sobre as tuas apressadas azas o momento do combate, e a victoria; *Anagilda* o quer, e a *Justiça* o péde. . . . [*Sahe.*]

SCENA XI.

Represente-se hum Praça; ao longe hum Cadafalço coberto de preto, e hum cadeira em cima coberta do mesmo; e em roda Guardas: pouca luz na Scena.

Sancho só.

Sanch. Infeliz Sceptro! Infeliz Diadêma! Quanto sois, até sobre o Throno expostos ás vicissitudes, e aos caprichos da sorte! Hum Fado orgulhoso vos insulta. Parece que o destino invejou a minha vasta fortuna! Esta minha horrivel situação lembre a todos os Reis que são mortaes. As culpas alheias desfolhão os meus loiros, e murchão as minhas palmas. Eu vou ser espectador de hum combate atroz! Dentro das minhas veias peleija hoje o sangue com o sangue. O meu coração está dividido em iguaes porções. Entra

no campo Garcia, e entra Ramiro! Ambos são inimigos, e ambos são meus filhos. Ou se pérca, ou se recobre a fama da minha Esposa, sempre o seu prêço he hum filho! Infeliz Monarca! Eis-aquí onde te abandôna aquelle valor que nos campos de Napoles te tornou tão formidavel aos Barbaros!

SCENA XII

Entrão na mesma Praça Garcia, e Ramiro armados para pelejar. Sancho, Anagilda, e Fernando, entrão, e ficão de hum lado: os dois Principes se avanção ao meio.

Garc. A vingança me conduz, e o odio arma o meu braço.

Ram. E a minha guia he a Innocencia, a Justiça, e a Verdade...

SCENA XIII, e ultima.

Quando levantão as Espadas apparece Clotilde, toda coberta de profundo luto, e entre as guardas, ergue o véo da cara, e diz.

Clot. Suspendei-vos!... Ainda Rainha o mando... Suspendei-vos!... Ramiro, tu entras no campo para defender a minha vida, e a minha honra. He muito o que te devo, e muito mais te deve o Ceo, que tem fixas as suas eternas vistas sobre a innocen-

cia opprimida ; porém ainda com a authoridade que conservo de Rainha , e que conservarei até que pule decepada esta cabeça de meus hombros , eu te mando que empunhes com respeito a espada. Tens diante hum inimigo que nascêo teu Senhor , e o meu sangue , e o de Sancho lhe circula nas veias. . . . Garcia , não te envergonhes , todo o teu sangue he Real. . . . Assalta Ramiro , e ataca com respeito hum seio onde o Eterno depositou a sua imagem ; porque os Reis o representam. Méde teus golpes pelo dever de Vassallo , e não pelas Leis de inimigo ; e se o Destino quer que tu saías vencedor desta infausta peleija , não tragas ante meus olhos essa espada infame , fôge , e téme os eternos odios do meu amor ; não acharás guarida ao meu furor , e á minha vingança ! . . . He meu filho , e he filho de Sancho. . . .

Fern. [*A' parte.*] [E tem ainda tanto poder o amor no seu coração ! Oh ! amor materno ! Tu hes a expressão da verdade , e da natureza ! . . .]

Anag. Oh ! Illustre Mãi ! Oh ! digna de melhor sorte ! . . .

Clot. Garcia , tu empunhas hum ferro parricida , e cruel , e atacas ao mesmo tempo a minha vida , e a minha fama , e quanto iniquamente a insultas o Eterno o sabe , cujas vistas penêtrão todos os corações. Assim os Ceos te defendão , e se compadêção de ti ,

eu te peço que ajudes os meus votos. Entra, filho, entra neste grande conflicto, assalta, defende-te, e combate com aquelle mesmo coração com que peccaste. Aquella mão que se arma contra o seu Soberano, combate quasi vencida. O que deves temer não são os golpes de Ramiro, he a vingança do Ceo, tu a provocaste; a Justiça não he tua, he minha, he de Ramiro, he do mundo, he da natureza. Com que coração, oh! meu filho, eu te poderei vêr frio cadaver estendido, e immobil sobre esta arêa! Ah! antes que eu veja esta scena fatal.... saltem fóra de meu rosto meus tristes olhos.... Até a honra da innocencia me desagradaria se eu a devo comprar a preço da tua vida.... Filho!.... vê neste rosto palido os sobresaltos de hum coração que he todo Mãi.... Oh Ceos! Oh natureza! Eu não te dei o sangue para que tu por mim o derramasses no campo. Defende-te, Garcia, com quanta robustez, e com quanto esforço póde ter o teu coração, e se não basta.... oh filho! recebe neste ultimo abraço toda a força do meu coração; e se te póde valer o perdão de hum calumnia ímpia, e injusta que me arrastra á morte, eu me esqueço do meu odio, eu o abandono, eu te abraço, eu te perdoo.... [*Abrança-o, e assim fica.*]

Fern. Ah! quebrante-se a indigna, e barbara lei de hum jurado silencio. Garcia, aqui tens o meu peito, eu o offerêço á tua

espada, cumpre, desempenha as tuas ameaças... Clotilde he innocente!... [*Ajoelha.*] Meu Pai, e meu Senhor, huma vingança a figurou culpada aos olhos de Garcia; esta vingança lhe inspirou o delicto da accusação; elle me impôz silencio, elle me ameaçou com a morte, eu jurei este fatal silencio...

Garc. [*Tremendo.*] Meu Pai.... eu sou o Réo, Clotilde he innocente; eu sou o infame parricida, o sacrílego, o ímpio, o profano! Cáião sobre a minha cabeça os raios da Justiça, eu vou ensanguentar o cadafalço destinado para Clotilde. Entre a morte dentro em meu coração com todo o seu horrivel furor; perca-se para mim o nome de clemencia, eu absolvo a humanidade desta Lei; dê-se-me a pena, ou outro Nero, eu serei o meu mesmo algoz.... [*Desembainha a espada.*]

Clot. Ah! segurem meu filho, não funeste com sua morte a minha alegria.

Sanch. Subão ambos os filhos ao cadafalço, fique eu Orfão, mas a Justiça vingada.... Hide, e tirai os ferros ao Conde....

Ram. Ah! Senhor! Não se derrame não o sangue de Sancho, e de Clotilde.... Eis-aqui o premio que eu peço pela defensa que apprehendi: eu quiz salvar a gloria de Clotilde, salvai vós a vida dos filhos de Clotilde, e vossos filhos....

Anag. Oh! sempre amado, e generoso Heróe! Oh! Illustre Ramiro!

Sanch. A causa he de Clotilde; mas para a julgar não escute os conselhos do amor.
[*Clotilde sem o véo.*]

Clot. He muito poderosa a sua voz no coração de Mãi. Vivão meus filhos; são Réos, mas eu sou Mãi, vivão longe de vós, e até os chorarei desterrados como os chorei criminosos. Dai, Senhor, ao Throno de Aragão hum melhor herdeiro . . . Ramiro. . .

Anag. E eu, Senhor, lhe ajunto o Throno de Castella, e desde já lhe chamo meu Esposo.

Sanch. Eu approvo, eu applaudo os suaves decretos do amor, e da piedade. Vivei, e eu vos entrego á memoria infausta das vossas culpas.

Garc. Intempestiva piedade! Hum remorso eterno será o meu mais cruel supplicio.

Fern. E hum arrependimento eterno inutilmente me devorará.

Sanch. Ramiro, dai a mão a Anagilda, e este apparatus de luto se transforme em hum scena de alegria. E vós, já não meus filhos, ireis na Africa, ou expiar peleijando o vosso crime, ou merecer pelas vossas acções ainda hum vislumbre da clemencia paternal.

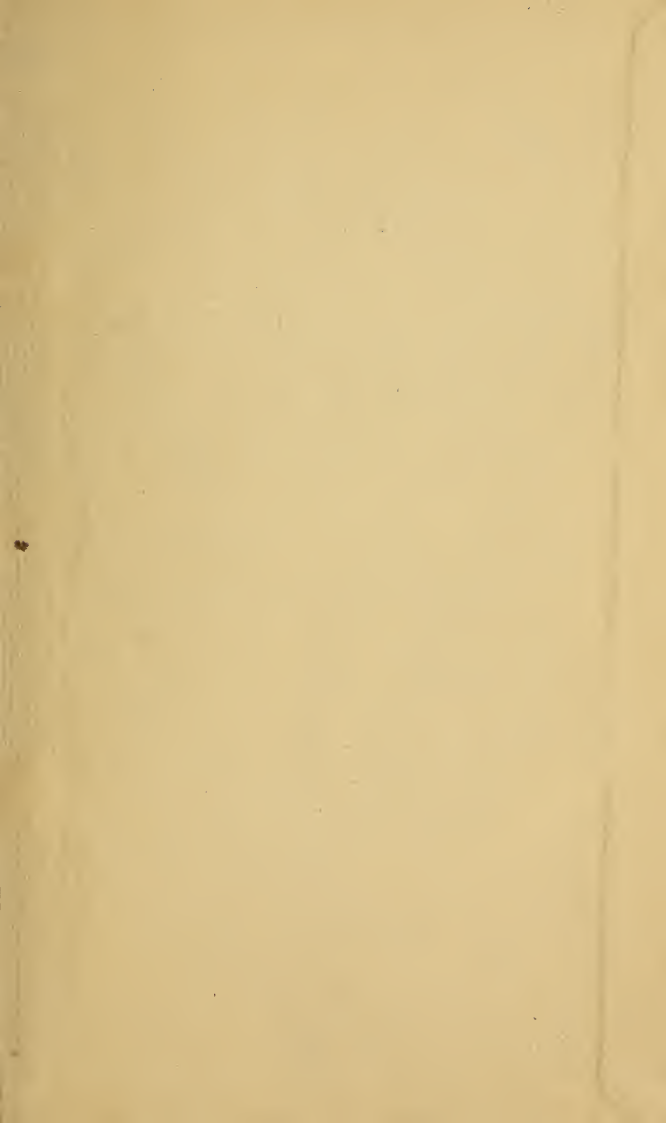
Clot. Aceite o Ceo minhas lagrimas, meus sustos, minha dôr, em expiação dos crimes de meus filhos, e triunfe o amor materno do odio, e da vingança que tanto ultrajou a

natureza. Nunca o delicto vivirá tranquillo, e seguro. O Ceo o descobre, o Ceo o pune, e se deixa algumas vezes lutar a innocencia com o infortunio he para acrisolar mais o seu merecimento, para fazer lustrar mais o seu triunfo, e tornar mais preciosa a sua coroa. Mães, amai vossos filhos, o vosso amor desarmará seus crimes, o vosso amor os salvará da morte.

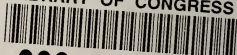
FIM.







LIBRARY OF CONGRESS



0 029 561 856 5